

RESENHA

Intersecções sonoras: o podcasting e suas implicações na mídia australiana

Intersections of sound: podcasting and its implications for Australian media

Intersecciones sonoras: el podcasting y sus implicaciones para los medios de comunicación australianos

Gessiela Nascimento da Silva

A popularidade dos podcasts na Austrália tem crescido, principalmente quando observamos o fator idade. Os dados da Advanced Audiences (Nielsen, 2024) indicam que o grupo etário com maior consumo do formato é o de pessoas com 60 anos, no qual obteve um aumento de 49% entre junho de 2023 e 2024. No mesmo período, a popularidade geral dos podcasts apresentou um crescimento de 16%.

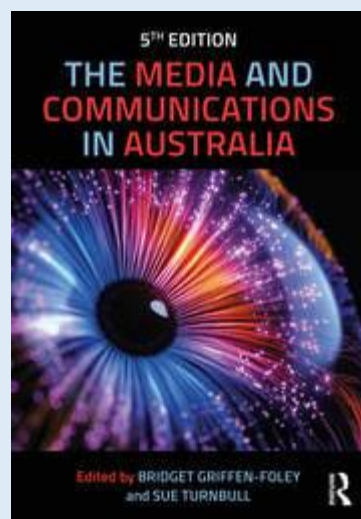
Essas tendências e interseções são abordadas na quinta edição de *The Media and Communications in Australia* (2024), organizada

>> Como citar este texto:

SILVA, Gessiela Nascimento da. Intersecções sonoras: o podcasting e suas implicações na mídia australiana. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 201-209, out./dez. 2024.

Livro resenhado:

The Media and Communications in Australia



Sobre a autora

Gessiela Nascimento da Silva

gessielan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2446-3443>

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, (PPGJor/UFSC). Bolsista Capes. Integra os Grupos de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp/UFMA), Rádio e Política no Maranhão (RPM/UFMA) e Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (UFSC/CNPq).

pela Bridget Griffen-Foley e Sue Turnbull (2024). A obra oferece uma análise detalhada das transformações nas indústrias de comunicação australianas, enfatizando mudanças estruturais impulsionadas pela digitalização, aumento da produção e consumo de podcasts, além de discutir as continuidades, quanto às rupturas nos modos de consumo e na produção de conteúdo.

A obra de 640 páginas é estruturada em três partes: a primeira, “abordagens”, explora a história da mídia na Austrália, audiências e regulamentações; a segunda, “indústrias”, foca os meios de comunicação sob o viés mercadológico; e a terceira, “tópicos quentes”, discute temas como diversidade, ética, segurança, algoritmos, monetização e o futuro da mídia. Ressalta-se que este resumo enfatiza a seção “indústrias”, dedicada ao formato sonoro, suas interações com o meio comunicacional e as implicações para o futuro.

Partindo do contexto histórico do formato, o início dos anos 2000 representa um marco relevante para o desenvolvimento do consumo de áudio digital. Kischinhevsky (2024, p. 17) observa que “Hammersley questionava se esse novo consumo de rádio online deveria ser chamado de algum modo mais específico”, sugerindo termos como podcasting¹, audioblogging ou guerrilla media. No cenário australiano, ao analisar a evolução das mídias, Turnbull (Capítulo 1) argumenta que a digitalização ao longo das últimas três décadas – ou seja, bem antes da criação do podcasting – representa não apenas uma transformação tecnológica, mas também uma reconfiguração das relações de poder na comunicação.

Acompanhando essa linha, Griffen-Foley (2024) apresenta no segundo capítulo uma breve história da mídia australiana, abordando desde o rádio até as plataformas digitais. No que se refere à radiodifusão, a Austrália deu seus primeiros passos entre o final de 1923 e o início de 1924, com a criação de nove emissoras licenciadas. Segundo Barrett (2024, online), essas “transmissões de vozes públicas sinalizaram o potencial do rádio como um meio de comunicação

¹ Primeira menção ao termo em 2004.

transformador”².

Na década de 1920, o uso do rádio experimentou “um crescimento explosivo. Em cinco anos, o número de ouvintes licenciados aumentou de modestos 1.200 para mais de 300.000, evidenciando o apelo generalizado do rádio”³ (Barrett, 2024, online). Em pesquisa realizada em julho de 2024, constatou-se que “o rádio AM/FM/DAB+ no ar ou online agora alcança 81% dos ouvintes semanais de áudio com mais de 12 anos na Austrália, com engajamento significativo em todos os grupos demográficos”⁴ (Edison Research, 2024, online).

Apesar do crescimento do meio radiofônico, o podcasting destaca-se como uma resposta às limitações das mídias tradicionais. E nesse enquadramento de “mídias tradicionais” em relação às “novas mídias”, Gerard Goggin (2024), no terceiro capítulo, discute a transição para o que denomina de *Australian Media 2.0*. Segundo o autor, a internet e as plataformas digitais estão transformando o cenário midiático, promovendo maior interatividade, agilidade e personalização.

Contudo, Goggin (2024, p. 18) avalia que, na era da “Mídia 1.0”, “era muito mais fácil distinguir entre diferentes tipos de indústrias, culturas de mídia e práticas”⁵: a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema, por exemplo. Em contraste, a “Mídia 2.0” é caracterizada por um aspecto “bagunçada”. Ainda assim, Goggin (2024) convoca os estudantes de comunicação, especialmente na Austrália, a entenderem e pesquisarem essas transformações.

² No original: Such a promising debut of public voice transmissions signalled radio’s potential as a transformative communication medium.

³ No original: The 1920s witnessed explosive growth in radio usage. Within five years, the number of licensed listeners swelled from a modest 1,200 to over 300,000, a testament to radio’s widespread appeal.

⁴ No original: AM/FM/DAB+ radio over the air or online now reach 81% of weekly audio listeners age 12+ in Australia, with significant engagement across all demographics.

⁵ No original: Previously, it was much easier to distinguish between different kinds of industries, media cultures and practices as they had evolved over decades, on the one hand, and emergent industries associated with information and communication technologies, on the other hand.

Apesar das críticas, o autor observa que, no contexto digital e convergente no qual o podcasting se insere, as instituições públicas, como organizações, universidades e agências de pesquisa, desempenharam papel fundamental ao impulsionar a inovação e consolidar um ambiente midiático mais diversificado na era “2.0”. Para Goggin (2024, p. 28), embora “o estudo da mídia seja um empreendimento desafiador, continua sendo crucial essa compreensão crítica da tecnologia”⁶.

No contexto do podcasting, a tecnologia e a convergência se entrelaçam com a relevância social e a cultura. Nesse sentido, Kischinhevsky (2024, p. 63) provoca: “de que cultura falamos, afinal?”.

Nesse contexto, faz sentido falarmos em uma “cultura do podcast”? Acredito que sim, que a todo um circuito de cultura em torno desta prática, ainda que não haja um perfil único de podcaster nem de ouvinte de podcasts. Talvez devemos falar de “culturas do podcast”, no plural, uma vez que o podcasting abre desde a distribuição de conteúdos radiofônicos de emissoras tradicionais até novas práticas, como maratona episódios, passando pela recuperação de formatos que caíram em desuso nas ondas artesanais há décadas, como o radiodrama e o radiodocumentário.

Essa cultura mencionada por Kischinhevsky (2024, p. 68) é analisada por meio de “cinco grandes processos culturais que formam o circuito da cultura”: produção redesenhada, representação de novas vozes, identidade cultural e hipersegmentação, novas formas de consumo e lacunas regulatórias. Esses processos são essenciais para entender como o podcasting e outros formatos de mídia impactam as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. No contexto de *The Media and Communication in Australia*, os capítulos 11 e 12, dedicados ao rádio e ao podcasting, são fundamentais para compreender essa inter-relação entre formatos e suas influências.

Griffen-Foley e Lindgren (2024, p. 133), por exemplo, descrevem o rádio como um meio “imediatamente íntimo, portátil e barato, [que] regulou e marcou nosso dia, promoveu e moldou o consumo de música e ajudou a definir a agenda

⁶ No original: In all this, the study of media continues to be a challenging but crucial endeavour, in which critical understanding of technology is key.

política”⁷. Contudo, as autoras observam que, na Austrália, o rádio “foi talvez o meio mais negligenciado na literatura acadêmica sobre mídia e comunicação” (p. 133). Além disso, o rádio enfrentou desafios significativos ao longo dos anos, incluindo “enfraquecimento devido a sucessivas ondas de desregulamentação, falta de aplicação efetiva de padrões éticos e diluição das restrições de propriedade”⁸ (p. 142).

Apesar dessas dificuldades, “o rádio demonstrou uma notável capacidade de adaptação e inovação em uma era conectada. Hoje, há mais maneiras do que nunca de ouvir rádio, desde os serviços analógicos (AM e FM) até os serviços digitais e de streaming”⁹ (Griffen-Foley; Lindgren, 2024, p. 142). Essa adaptação é abordada no capítulo 12, onde Lindgren (2024) argumenta que o podcasting representa uma cultura diferente do rádio tradicional, por atender ao consumo por conteúdos sob demanda e oferece espaço para narrativas pouco exploradas. Essa mudança se reflete nos conceitos de “produção redesenhada” e “nova forma de consumo” analisados por Kischinhevsky (2024).

Os capítulos dedicados ao rádio e ao podcasting apresentam um ponto em comum: as autoras argumentam que, embora o rádio tradicional ainda mantenha sua relevância, foi compelido a adaptar-se às práticas digitais, criando uma convergência entre rádio e podcasting. Porém, mesmo essa convergência permitindo que produtores transitem entre formatos, revela outro elemento: a fragmentação da audiência.

Tal questão é explorada em profundidade no capítulo 7, onde Chris Comerford e Renée Middlemost (2024) analisam as mudanças no

⁷ No original: Immediate, intimate, portable and inexpensive, radio has regulated and punctuated our day, promoted and shaped music consumption and helped to set the political agenda

⁸ No original: Commercial radio has been weakened by successive waves of deregulation, the lack of any effective enforcement of standards and ethical practice and the dilution of ownership restrictions.

⁹ No original: [...] radio has demonstrated a remarkable ability to adapt and innovate in a networked era. There are more ways than ever before to listen to radio, from analogue (AM and FM services) to digital and streaming services.

comportamento dos ouvintes. Segundo os autores, o público agora busca conteúdos mais especializados, personalizados e acessíveis, o que impulsiona o crescimento do podcast como uma mídia adaptável às preferências individuais. A “relação proximal entre quem produz e consome o conteúdo [...], o fazer parte e o interagir” são elementos centrais, uma vez que o “formato não depende de um fluxo de transmissão para ser ouvido, é livre, ilimitado e multitarefa”, permitindo que “o usuário realize outras atividades [...] com acesso ao material de forma online e offline” (Silva, 2022, p. 37).

Já outro aspecto relevante trabalhado no livro é o uso do podcast por/em comunidades indígenas. No Brasil, temos “266 povos [...] falantes de mais de 150 línguas diferentes” (National Geographic, 2023, online) e a primeira iniciativa voltada para os povos originários é o “Copiô, Parente, produzido desde março de 2017 pelo Instituto Socioambiental (ISA). [...] O programa é de curta duração, e há participação de indígenas para comentar, informar e dar depoimentos” (Silva; Alencar; Sousa; Rocha, 2022, p. 66).

Na Austrália, o podcasting tem sido utilizado pelos indígenas como uma plataforma para promover narrativas não hegemônicas, dando visibilidade a questões que antes não encontravam espaço na mídia mainstream, conforme aponta Bronwyn Carlson (2024) no quinto capítulo. É importante assinalar que o formato é um dos principais trunfos dessa mídia emergente, evidenciando sua relevância social e política para os diversos grupos. Isso também reflete uma das características do circuito da cultura: a representação de outras vozes (Kischinhevsky, 2024).

Mas, ainda nessa teia, é possível se deparar com um aspecto estritamente ligado ao crescimento do podcast na Austrália, no Brasil e no mundo, a lacuna regulatória. Stuart Cunningham (2024), no capítulo 6, intitulado *Policy, Regulation and Ownership*, examina as implicações da propriedade cruzada na mídia tradicional e como isso afeta o ecossistema digital. Segundo Kischinhevsky (2024, p. 119), essa questão compõe o circuito de cultura do podcasting, evidenciando que “não há qualquer transparência em relação à organização das

plataformas, como se estruturam seus bancos de dados e como funcionam seus sistemas de recomendação”.

Nesse contexto, a desinformação destaca os riscos associados à liberdade de expressão. A falta de regulamentação pode facilitar a disseminação de informações errôneas, além dos grandes conglomerados tentarem monopolizar a produção e distribuição de conteúdo digital, podendo levar a uma redução da pluralidade de vozes. Isso faz com que seja crucial promover a educação dos ouvintes, de quem produz conteúdo e ações combativas em todo o mundo, conforme aponta Sora Park (2024). Sem esquecer a importância da privacidade e da ética no ambiente digital – temas explorados por Kate Bowles (2024).

Complementando essa discussão, Brian Yecies (2024), no capítulo 30, examina os modelos de negócios no podcasting, trazendo esse olhar do futuro da mídia. Embora seja um meio de baixo custo de produção, sua monetização ainda se encontra em fase experimental, com estratégias que incluem patrocínios e assinaturas de ouvintes. Yecies (2024) reflete e tensiona sobre a sustentabilidade financeira e a natureza democrática do podcasting, evidenciando como essa mídia se equilibra entre oferecer acesso amplo e atender às demandas do mercado, uma linha entre diversidade e pluralidade.

Ainda no viés mercadológico, a análise de Deborah Lupton (2024) no capítulo 25, que aborda o impacto da Covid-19 na produção de conteúdo, mostra como os podcasts se tornaram uma fonte vital de informação durante crises. Essa adaptação ilustra a flexibilidade do formato e sua importância como meio de comunicação de emergência, especialmente em um contexto onde a desinformação pode ter consequências devastadoras. Nesse sentido, tanto na pandemia quanto em outras crises sanitárias, as “novas plataformas digitais representam mais um meio para a disponibilização de conteúdos jornalísticos na área da saúde. Isso é um fato no que se refere ao podcast [...]” (Bonixe, 2021, p. 94).

Dito isso, a busca por informação por parte dos cidadãos gera reflexões

sobre o futuro da mídia. No capítulo 31, Fiona Martin (2024) sugere que a sustentabilidade do podcasting deve incluir um compromisso com a diversidade e inclusão, abrangendo pautas, vozes, contextos e culturas. Um exemplo disso é a *National Broadband Network*, mencionada no capítulo 32, considerada um fator-chave na expansão do acesso à internet, essencial para o crescimento contínuo do podcasting.

Por fim, é possível considerar que o *The Media and Communications in Australia* (2024) é uma obra de referência que documenta a evolução das indústrias de comunicação e analisa criticamente o papel do podcasting como um agente de transformação social. A interconexão entre os capítulos oferece uma visão geral, permitindo aos leitores compreender não apenas o fenômeno do podcasting, mas também suas implicações mais amplas no ecossistema midiático australiano.

O livro destaca a necessidade de regulamentação, a luta pela monetização e o compromisso com a diversidade como temas centrais para assegurar que o podcasting continue sendo um espaço vibrante e inclusivo. Desse modo, a produção serve como um guia para entender as dinâmicas da mídia contemporânea, abrindo portas para futuras pesquisas e discussões, seja elas em âmbito local ou internacional.

Referências

BARRETT. The history of broadcasting in Australia. Barrett, 2024. Disponível em: <https://www.barrettcommunications.com.au/news/the-history-of-broadcasting-in-australia/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BRONIXE, Luís. Potencialidades do Podcasting no Jornalismo de Saúde – Uma Análise a Três Podcasts Sobre a Covid-19 em Portugal. **Comunicação e sociedade** [Online], 40 | 2021, posto online no dia 20 dezembro 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cs/5994>. Acesso em: 02 nov. 2024.

EDISON RESEARCH. The Infinite Dial 2024 Australia. Edison Research, 2024. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-infinite-dial-2024-australia/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

GOGGIN, Gerard. Australian media 2.0. In: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 18-33.

GRIFFEN-FOLEY, Bridget; LINDGREN, Mia. Radio. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 133-145.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast**: reconfiguração do rádio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

LINDGREN, Mia. Podcasting. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 146-155.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Quantos povos indígenas existem no Brasil? National Geographic, junho 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2023/06/quantos-povos-indigenas-existem-no-brasil#:~:text=Atualmente%2C%20no%20entanto%2C%20existem%20266,37%2C4%25%20do%20total>. Acesso em: 03 nov. 2024.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast mamilos**: Uma proposta de análise audioestrutural. 2022. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação/PPGCOM) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

SILVA, Gessiela Nascimento da; ALENCAR, Quezia da Silva; SOUSA, Isabel Maria Lima de; ROCHA, Ariel Santos da. Da aldeia para o mundo: a narrativa indígena no podcast Papo de Parente. **Temática**, [S.l.], v. XVIII, n. 12, dezembro 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>. Acesso em: 02 nov. 24.

YECIES, Brian. Monetisation and digital entrepreneurship. *In*: GRIFFEN-FOLEY, Bridget; TURNBULL, Sue (ed.). **The Media and Communications in Australia**, 5th edition. Milton Park: Routledge, 2024, p. 310-314.